

ANÁLISE SOCIOCULTURAL DO ESPAÇO PERIURBANO ENTRE CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA, PARAÍBA

SOCIOCULTURAL ANALYSIS OF THE PERIURBAN SPACE BETWEEN CAMPINA GRANDE AND LAGOA SECA, PARAÍBA STATE.

José Silvan Borborema Araújo

Doutorando em Geografia - UERJ

silvan.borboremaa@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem por finalidade discutir as relações socioculturais do espaço periurbano entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca – Paraíba/Brasil, destacando as novas formas de uso do solo que estabelecem diversas relações socioeconômicas e culturais entre a população que ali reside e circula. As mudanças e permanências ocorridas nesta área se deram a partir da segunda metade da década de 1990, com a territorialização de condomínios horizontais fechados, pousadas, loteamentos populares e restaurantes, mas que ainda estão entremeados à agricultura de caráter familiar, comércio de produtos artesanais, plantas para ornamentação, constituindo vários modos de vida na mesma área, etc. Assim, busca-se entender, mediante uma leitura histórica/geográfica, as características socioespaciais e culturais da área que se mostram relevantes para a formação de uma zona periurbana nessa porção do território paraibano.

Palavras-chave: Espaço periurbano. Relações socioculturais. Campina Grande. Lagoa Seca. Paraíba.

Abstract

This article aims to discuss the sociocultural relations periurban space between the cities of Campina Grande and Lagoa Seca - Paraíba/Brazil highlighting new forms of land use that set several socio-economic and cultural relations between the population there resides and runs. The changes and continuities that occurred in this area came forward from the second half of the 1990s, with the territorialisation of closed condominiums, hotels, popular restaurants and allotments, but are still intermingled with the familiar character of agriculture, trade, handicraft products, for ornamental plants, constituting several ways of life in the same area, etc. Thus, we seek to understand, through a historical/geographical reading, socio-spatial and cultural features of the area that are relevant to the formation of a periurban area in this portion of Paraíba territory.

Keywords: Periurban space. Sociocultural relations. Campina Grande. Lagoa Seca. Paraíba state.

Introdução

Campina Grande e Lagoa Seca, situadas no agreste paraibano presenciaram a partir da segunda metade da década de 1990, uma involução do processo de povoamento, em que a população residente nos centros urbanos principalmente de Campina Grande, migrou para a área mais distante destes, e com essa mudança populacional mudaram-se ou instalaram-se nas bordas dessas cidades, alguns serviços como condomínios fechados, restaurantes, lojas, bares, além da mudança no ritmo de vida de quem já habitava nesse lugar.

Com base nessas informações, faremos uma análise das relações socioculturais desenvolvidas no espaço periurbano entre essas cidades discutindo o processo de mudanças e permanências ocorridas nestas áreas.

Iniciaremos fazendo uma análise a respeito do rural e do urbano, destacando os seus conceitos e o papel que cada terminologia foi adquirindo ao longo do tempo; posteriormente abriremos discussão para a relação campo-cidade em Campina Grande e em Lagoa Seca e por fim, discutiremos as relações socioculturais estabelecidas no espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB, destacando as complementaridades que existem nessa área, suas dinâmicas e contradições.

O rural e o urbano: conceitos e delimitações

O estudo dos espaços rurais e urbanos sempre esteve presente nas discussões acadêmicas, muitas vezes como espaços antagônicos, divergentes, que mostravam as características intrínsecas de cada área como se não houvesse uma continuidade entre elas. A cidade podia se desenvolver autônoma, sendo associada ao movimento, ao tempo rápido, enquanto que ao campo estava designado como o lugar do fazer, do tempo lento. Nesse sentido, verifica-se que para a cidade era dada outra significação, mais moderna, enquanto que ao campo foi relegado um caráter mais tradicional.

Nesse sentido, José Eli da Veiga (2005) alerta sobre a relação abstrata entre o rural e urbano para o desenvolvimento regional, destacando, no mínimo, três situações concretas básicas:

- a) a de regiões essencialmente urbanas, como é o caso das áreas metropolitanas; b) a de regiões essencialmente rurais, quase sempre

remotas, nas quais os ecossistemas originais foram preservados ou passam a ser conservados; e c) a de numerosas regiões intermediárias, ou ambivalentes, nas quais são extremamente heterogêneas as participações relativas de ecossistemas parcialmente alterados e ecossistemas dos mais artificializados, como são os casos das aglomerações, cidades, e mesmo certas vilas (VEIGA, 2005, p. 09).

Nesse contexto, a delimitação e conceituação dessas regiões intermediárias, que surgem e se multiplicam no país com certa intensidade, tornam-se complexas exigindo uma reflexão mais cuidadosa para se chegar a uma clarificação de cada termo no momento de defini-lo como área urbana, rural ou até mesmo intermediária, no caso de interesse deste trabalho o espaço periurbano.

Para tanto, a construção dos conceitos para se definir o rural e o urbano não é de todo fácil, e os mesmos não se encontram prontos, uma vez que as suas diferenças estão contidas seja na origem, na função, no aspecto da paisagem ou até mesmo nos objetivos práticos (administrativos) de cada classificação. Diferenças primordiais estão baseadas na divisão territorial do trabalho, que tem o trabalho material e intelectual como categorias estabelecidas (BAGLI, 2006).

Dessa forma, entendemos que a ligação entre o rural e o urbano sempre foi muito forte desde o princípio, visto que, no processo de desenvolvimento das comunidades humanas, a ligação com a terra esteve muito presente. Esta identidade relacional se traduz pelo fato de que, a partir da terra extraímos nossa subsistência e as realizações da sociedade humana como um todo. Por isto, Raymond Williams considera a própria cidade como sendo uma dessas realizações, como uma forma distinta de civilização e que foi construída a partir do campo.

É a partir dessa ligação em comum que aproxima o rural e o urbano, que vão surgir as primeiras diferenças definidoras desses modos de vida tomando como base as atividades econômicas a que estavam encarregadas e o perfil da população residente em cada área.

Neste contexto, Raymond Williams interpreta a visão a respeito da cidade e do campo, com base na civilização inglesa, explicitando que,

O campo [visto como rural] passou a ser associado a uma forma natural de vida - de paz, inocência e virtudes simples. À cidade [entendida como o urbano] associou-se a ideia de centro de realizações - de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se

poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Nessa mesma linha de pensamento Lefebvre (1969) *apud* Bagli (2006) “afirma que a cidade ficou incumbida do trabalho intelectual: funções de organização e direção, atividades políticas e militares, elaboração do conhecimento teórico (filosofia e ciências). Ao campo ficou, portanto, o trabalho prático/material.”

Ainda comentando sobre as contradições entre o rural e o urbano, no decorrer do processo histórico, Roberto José Moreira discorre sobre algumas tendências que afirmam a cidade como sendo o espaço das realizações, do mandar, em contraposição ao campo:

Enquanto o território urbano foi simbolicamente referido ao tempo contínuo, ao mecanismo do relógio e ao espaço geométrico horizontal-vertical das ruas e dos edifícios, o território rural foi associado ao tempo sazonal e ao espaço ecossistêmico da natureza (MOREIRA, 2007, p. 76).

Contudo, com o desenrolar da história, o urbano e o rural absorveram muitas outras atividades com características diferentes daquelas predeterminadas pelos esquemas explicativos das ciências, formando um híbrido de atividades entre esses espaços, como por exemplo, o campo desenvolvendo atividades industriais e de serviços e a cidade desenvolvendo agricultura em manchas da malha urbana. Esta possibilidade de diversificar e intercambiar suas atividades primordiais causa, na atualidade, uma inversão nos modos de ver o campo e a cidade.

É tanto que Livia Miranda tece alguns comentários a respeito dessa nova organização espacial, sublinhando que algumas diferenças podem, todavia, acentuar-se:

As relações cidade-campo, no contexto capitalista, estabelecem-se denotando uma aproximação crescente dos espaços urbano e rural, contudo, as suas diferenças acentuam-se cada vez mais sociologicamente, a partir de um progressivo distanciamento entre os “modos de vida” urbano e rural (MIRANDA, 1997, p. 28).

Dessa forma, percebe-se que o espaço físico da cidade e do campo está cada vez mais próximo devido ao processo de territorialização da cidade que avança em direção ao campo. Nesse processo, as relações sociais entre essas áreas vão se dando de formas

diferenciadas, uma vez que, os hábitos, modos de vida, de quem vive na cidade e que caracterizam os costumes urbanos invadem o campo e partilham as relações rurais e vice-versa. Assim, ocorre uma dificuldade considerável na identificação dessas diferenças.

Contudo, verifica-se ao longo da história, que as discussões acerca do que seja o campo e o que seja a cidade foram ganhando várias definições, a partir das transformações socioeconômicas e políticas que aconteciam em todo o mundo. Assim, percebe-se esse processo de definição de campo e cidade já na civilização clássica, onde as classes mais abastadas e com maior influência política, moravam no alto das colinas e os demais, sem muitos direitos, se contentavam em estabelecer suas residências na base das mesmas. Da mesma forma se seguiu no período medieval em que:

O castelo do nobre ou do rico dominava a paisagem da cidade, dividida em paróquias religiosas; a propriedade da terra pertencia a ricos senhores ou, mais comumente, a entidades religiosas que, através desse mecanismo, exerciam o controle do espaço de diferentes ofícios exercido na cidade, entre outras coisas (PINTAUDI, 1999, p. 132-133 *apud* BAGLI, 2006, p. 45).

Smith (1996) considera que os habitantes das antigas repúblicas da Grécia eram primordialmente proprietários de terras, e que estas foram divididas entre eles. Como forma de defesa normal, esse povo construiu suas casas uma perto das outras, além de murá-las, dando assim um caráter de aglomeração aquela área, que até então, possuía poucas e escassas edificações.

Por outro lado, este mesmo autor comenta que após a queda do Império Romano esses proprietários de terras localizaram-se nos castelos fortificados em meio aos seus inquilinos e dependentes, ficando as cidades habitadas por negociantes e artífices.

Contudo, “por mais servil que possa ter sido a condição original dos habitantes das cidades, não há dúvida de que obtiveram a liberdade e a independência muito antes do que os moradores do campo (SMITH, 1996, p. 390).”

Nesse sentido, o espaço das cidades e o modo de vida urbano foram se tornando espaço de domínio e influência da burguesia, que começava a ganhar expressivo destaque socioeconômico e político, subalternizando ainda mais o campo e os que ali mantinham seu modo de vida, como afirma Moreira (2003):

Ao derrotarem os antigos regimes, os regimes burgueses projetaram-se como sociedades urbanizadas e industrializadas. Configuraram uma visão de rural subalterno sujeito ao seu domínio. Projetaram instituições e políticas agrárias e agrícolas, dentre as quais as de ensino, pesquisa e extensão rurais e as de profissionalização das ciências agrárias, agrônomas e extensionistas, dentre outras (MOREIRA, 2003).

Sendo assim, a burguesia vai consolidando o espaço da cidade como o local de concentração, em que o centro se torna a área mais procurada, em detrimento da periferia, das bordas da área urbana, que fica reservada para as classes mais pobres.

É a partir da divisão territorial e social do trabalho que a cidade capitalista vai se constituindo, afirmando a divisão entre o campo e a cidade e as atividades a que cada uma estava designada. Sobre esse período histórico John Merrington (1977), lembrado por Maia (1994), demonstra as causas de tal separação:

A separação da produção e consumo provocada pela troca urbano-rural foi causa daquela “revolução” mediante a qual a auto-suficiência da economia rural foi minada pelos padrões de consumo urbano, destruindo a ordem estática da autoridade patriarcal baseada na posse da terra, na qual o “consumo não é um prêmio mas um preço da subordinação” (MAIA, 1994, p. 33-34).

A partir de então, o campo não produz apenas para o abastecimento próprio, uma vez que, as cidades começam a crescer e exigir um aumento dessa produção para o abastecimento das áreas urbanas. Com esse aumento da cidade, o processo de urbanização vai se estendendo cada vez mais até as áreas rurais, levando a estas os meios e insumos industriais (máquinas, equipamentos, procedimentos) para o aumento da produção.

Contudo, o que chama a atenção no período histórico atual é esse processo de territorialização das cidades em direção ao campo cada vez mais em estágio crescente generalizado. Destarte, Sposito (2006) comenta a respeito dessas continuidades territoriais:

(...) O que nos parece relevante para compreender o campo e a cidade, no período contemporâneo, é o fato de que, no século XX, predominou tendência à extensão territorial muito mais intensa que a observada nos séculos anteriores do longo processo de urbanização, alterando as morfologias urbanas e tornando muito difícil distinguir, no plano das formas espaciais, a cidade do campo (SPOSITO, 2006, p. 121).

Já Lefebvre (1973) destaca também que o alargamento das áreas das cidades se aproxima do campo e influenciam a implantação de alguns elementos no território:

La sociedad y La vida urbana, conducidas por el tejido urbano, penetran en el campo. Semejante manera de vivir implica sistemas de fines y sistemas de valores. Los elementos más conocidos del sistema urbano de fines son el agua, la electricidad, el gas (butano en el campo), acompañadas del coche, la television, los utensilios de plástico, el mobiliário “moderno”, lo que implica nuevas exigências em lo relativo a los servicios (LEFEBVRE, 1973, p. 26-27).

A esses elementos ainda acrescentamos o próprio movimento do mercado capitalista que amplia as áreas de influência e comando da economia, instalando indústrias cada vez mais distantes das regiões próximas e centrais das cidades. Com isso, áreas periféricas e as já mais distantes, caracterizadas como rurais, começam a absorver essas indústrias, tornando-as integrantes de seu espaço e o campo passa a se comunicar com mais intensidade com a cidade, absorvendo elementos desta e ao mesmo tempo emprestando dos seus caracteres à vida urbana.

Contudo, a produção no campo é submetida a um processo de geração de valor que recaem na renda da terra. Dessa forma, necessita-se examinar a lógica de ordenação em que está o território, porque além das questões de delimitações estão implícitas as relações de poder e suas contradições oriundas do próprio processo econômico. Se o processo de urbanização do campo pode ser concebido enquanto um fenômeno generalizado, suas formas concretas e localizadas de ocorrência variam de acordo com características, potencialidades e entraves do território, isto é, possuem uma evidente geograficidade.

Assim, Marques (2002) *apud* Paulino (2010) considera que:

Para compreender as imagens do campo e da cidade é preciso examinar os processos sociais concretos de alienação, separação, exterioridade e abstração de modo crítico. É preciso também recuperar a história do capitalismo rural e urbano, afirmando as experiências de relações diretas, recíprocas e cooperativas que são descobertas e redescobertas muitas vezes sob pressão. Nem a cidade irá salvar o campo, nem o campo irá salvar a cidade (PAULINO, 2010, p. 124).

Com efeito, evidencia-se que o processo de expansão das cidades em direção ao campo não se dá só na forma física, uma vez que, os objetos que vão dar configuração a esse espaço carregam significação própria, além de terem os aspectos cognitivos do contingente humano que os anima. Nesse sentido, as relações estabelecidas nessa área de confluência do campo com a cidade não devem ser vistas de formas separadas, uma vez que, o espaço é único e contínuo, onde as relações socioeconômicas, políticas e culturais se dão sem separação, dotando este espaço de dinâmica e contradição.

Vale (2005, p. 66), auxiliando-se dos escritos de Nel-lo, afirma que a situação existente destas denominações (e acrescenta cidade-região, cidade-território, cidade-difusa) não deve ser encarada como o resultado da simples expansão dos limites urbanos, mas da desagregação dos conceitos de cidade e de campo.

Na verdade, as delimitações entre o extremos supracitados são sociais, administrativas, que supõem uma melhor ordenação e aplicação de normas e regras ao território. Uma forma de como o território deve se comportar a partir da dinâmica social que lhe dá movimento.

Priscilla Bagli (2006) explica tal divisão, mostrando que:

Campo e cidade são construções sociais. São espaços produzidos por relações sociais diferenciadas que, por sua vez, formam realidades diferenciadas, embora impulsionadas pela mesma lógica produtiva. Caracterizam pelo conteúdo que possuem, seja ele urbano ou rural. É esse conteúdo que define as formas e as funções existentes em cada espaço, adjetivando-os: o campo, por seu conteúdo, qualifica-se como espaço rural e a cidade como espaço urbano (BAGLI, 2006, p. 62).

Dessa forma, as definições que classificam o campo e a cidade como rural e urbano, respectivamente, são elaboradas de acordo com as formas e as funções que eles desempenham no espaço e que vão se moldando às mudanças que acontecem no decorrer do tempo histórico. Contudo, essas delimitações se confundem quando percebemos atividades de um sendo desenvolvidas no espaço do outro. A estranheza se dá pela quebra na ordem que existia até então, de conteúdos do campo definirem um espaço e vida rural, assim como conteúdos da cidade afluírem a vida urbana.

É sob a égide do capitalismo que essa ruptura nas delimitações entre campo e cidade, rural e urbano começam a aflorar com mais força, porque o capital começa a penetrar com mais intensidade nas áreas que antes não se imaginava, como no caso do campo, e traz consigo um estranhamento e uma mudança de comportamentos de quem vive nessas áreas e precisa se adequar a um novo ritmo de vida.

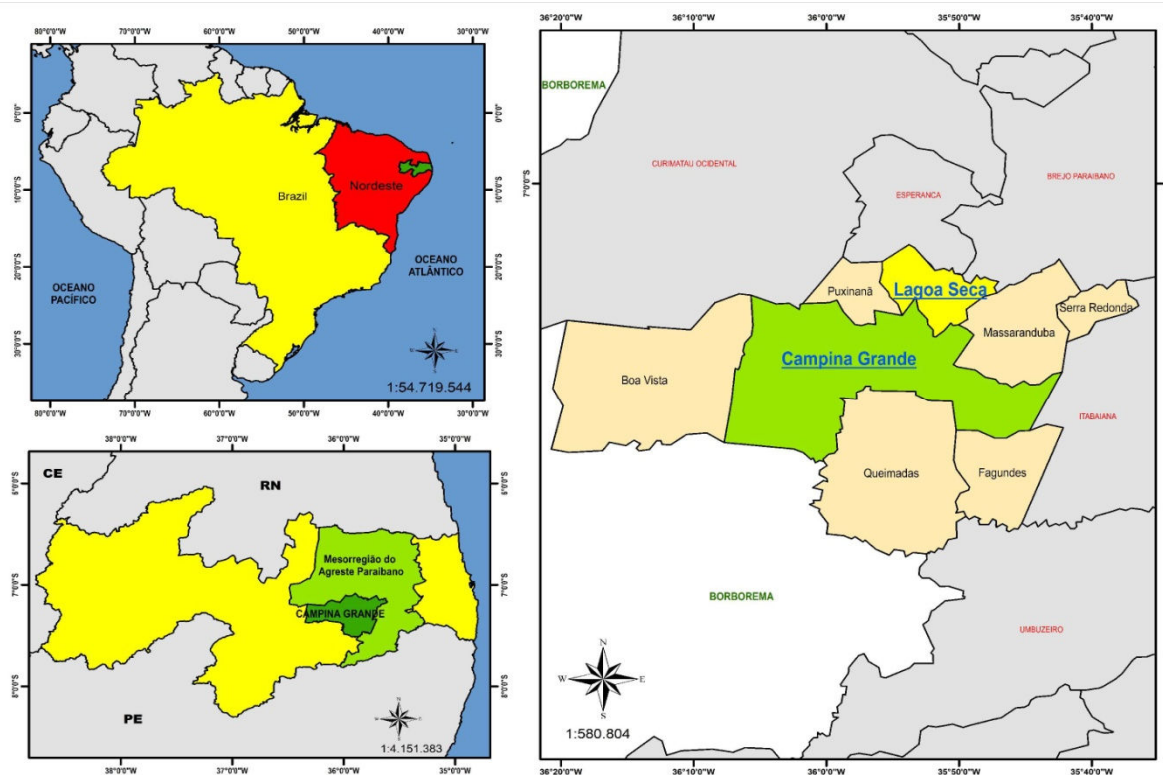
Enfim, vale salientar que a cidade e o campo são os espaços onde os estilos e modos de vida urbana e rural se manifestam, embora não se tenha uma delimitação clara e definida atualmente, de onde termina um e começa o outro. Mas é importante se ter a ideia de que estes espaços, mesmo tendo suas peculiaridades e hierarquias (culturais, econômicas, políticas, dentre outros), se complementam, uma vez que o campo desenvolve ainda um papel muito importante para o desenvolvimento econômico do país, e agora mais do que nunca consegue atrair uma boa parcela da população, que antes residia nos centros urbanos, para viver nas áreas mais afastadas das cidades.

Nesse sentido, não basta entender as categorias campo e cidade, mas também compreender a essência do que sejam os modos de vida rural e o urbano, tendo em vista essas mudanças ocorridas no espaço atualmente que confundem ainda mais a definição precisa.

O rural e o urbano em Campina Grande e Lagoa Seca – PB

As cidades de Campina Grande e Lagoa Seca encontram-se localizadas na Mesorregião do Agreste paraibano, mais precisamente na Microrregião de Campina Grande (Figura 01). Seu processo de ocupação e colonização foi baseado na agricultura e na pecuária típicas do Nordeste semiárido. No período atual, o espaço entre as duas sedes municipais passa por importantes transformações ligadas ao processo de interpenetração campo-cidade.

Figura 01: Mesorregião e Microrregião de Campina Grande e Lagoa Seca – PB.



Fonte: Araújo, 2012.

Nesse contexto, reafirmamos que o rural e o urbano vão definir e caracterizar os modos de vida de um espaço específico denominados de campo e cidade, respectivamente, e que vão se comportar de forma específica acolhendo qualidades e funções peculiares a cada espaço. Porém, sabemos também que as ações nesses espaços não se comportam mais de forma linear, obedecendo as características de urbano e rural, onde cada fração do território desempenha suas atividades intrínsecas ao seu processo de formação inicial, nem tampouco as pessoas residentes nessas áreas se comportam mais exclusivamente com hábitos de seus locais de origem, porque o mesmo já absorveu o modo de vida urbano como também rural.

Notadamente, as mudanças mais comuns e perceptíveis aos olhos dos mais atentos se dão pela paisagem, uma vez que esta se apresenta de forma mais instantânea aos sentidos. Sendo assim, no que tange à paisagem que contém ainda objetos naturais, como área de vegetação natural, percebe-se que esta sofreu algumas mudanças nas áreas rurais entre as cidades de Campina Grande e Lagoa Seca, com a instalação de

condomínios horizontais fechados, chácaras e residências de segunda moradia, restaurantes, bares, lojas de artesanato e de plantas ornamentais, loteamentos populares, dentre outros. Todas essas atividades tiveram impacto na redução da cobertura vegetal natural ou agrícola. Entretanto, a zona conta ainda com a presença de manchas de agricultura familiar entremeadas a estes novos objetos, causando modificações em toda a sociedade que residia nesses lugares, visto que outras atividades econômicas começaram a surgir ou a se adequar a outra dinâmica econômica.

Contudo, o espaço rural de Lagoa Seca se apresenta como uma área de agricultura tradicional e em modernização que também é agricultura familiar, se destacando no Estado como um expressivo produtor de hortaliças como coentro, alface, pimentão, pepino e batatinha. Os pequenos produtores familiares participam da economia globalizante, uma vez que estão cada vez mais integrados aos mercados. Essas culturas são desenvolvidas em pequenas áreas familiares que ocupam boa parte do território do município, bastante íngremes, o que tem de certa forma limitado o uso agrícola e/ou conduzido à exploração das encostas. Isto ocasiona, por vezes, a degradação da cobertura vegetal, a qual tem dado espaço ao plantio, principalmente de frutíferas e hortaliças que são comercializadas nas feiras de Campina Grande e até nos estados vizinhos.

Em Campina Grande, no trecho contíguo à área em estudo, a atividade agropecuária não ganha tanto destaque para o desenvolvimento econômico do município se comparada com Lagoa Seca. Apesar da diferença são desenvolvidas aí culturas como a do algodão herbáceo, batata-doce, feijão, milho, mandioca, dentre outras nas épocas propícias a cada cultura (IBGE, 2010) e que são destinadas para a comercialização nas feiras da cidade e em outras localidades do Estado, bem como para garantir a reprodução da unidade familiar.

Importante sublinhar que na área de transição urbano-rural desta cidade com a de Lagoa Seca, as atividades agropecuárias se configuram como sendo de caráter familiar. As atividades agrícolas mais comuns são as plantações de milho, de feijão, além de cultivo de verduras e de legumes que vão evidenciando uma paisagem caracteristicamente rural na área que margeia a rodovia federal BR – 104, bem como nas suas vias vicinais.

Tanto em Lagoa Seca quanto em Campina Grande, as marcas que foram sendo estabelecidas no campo com a instalação de novos objetos e novas ações, não apagaram por completo a essência do que seja este espaço e o modo de vida rural, em que as atividades ligadas à pecuária, e principalmente à agricultura, ainda conseguem se manter e garantir o sustento de muitas famílias.

Sendo assim, o espaço em questão tornou-se dotado de muita dinamicidade e contradições, uma vez que, a chegada de novos objetos técnicos e sua consequente “forma urbana” se entremeou ao modo de vida rural já existente, formando um espaço que pode ser classificado como periurbano.

As relações socioculturais no espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca – Paraíba

No decorrer do tempo histórico, com a modernização das atividades em todos os setores da economia tornando os espaços cada vez mais competitivos, as cidades foram se territorializando e expandindo os seus limites em direção às áreas mais afastadas do seu centro. Inicialmente tal processo deu-se com a simples difusão dos tipos de uso do solo, construções e hábitos citadinos em espaços rurais contíguos, mas com o avanço das inovações e do meio técnico-científico a interpenetração cidade-campo tornou-se algo bem mais complexo. Sem a pretensão de se abarcar todas as nuances dessa transformação, a pesquisa buscou ilustrar alguns aspectos deste fenômeno numa área selecionada pela relevância das alterações constatadas empiricamente.

Fundamenta-se assim a difícil tarefa de se delimitar tais espaços, uma vez que, as atividades desenvolvidas por ambos se confundem, perdendo o teor de caracterização que possuíam até certo tempo atrás, onde ao campo eram atribuídas atividades ligadas à agricultura e pecuária, e ao urbano as atividades relacionadas com a indústria e serviços.

Diante desse contexto, os espaços periurbanos se caracterizam principalmente por estarem perto de um centro urbano e mesmo que não façam parte da mancha urbana, não possuem características típicas do rural. Embora a paisagem contenha muitos objetos que remetam ao rural, a sua lógica é tipicamente urbana: são formas/fisionomias que remetam ao campo, mas possuem agora outras funções. O inverso é também

verdadeiro, com formas antes tidas como urbanas em plena paisagem “bucólica”, cumprindo novos papéis.

Sendo assim, tomando considerações feitas por Vale (2005), quando cita Nel-lo (1998),

A situação atual não deve ser compreendida como um resultado da simples expansão dos limites urbanos, mas da dissolução dos conceitos tradicionais de cidade e campo. Hoje temos construções urbanas nas áreas rurais próximas da cidade, e a população residente, que trabalha em atividades urbanas, tem maior facilidade de deslocamento pendular (NEL-LO, 1998 *apud* VALE, 2005, p. 66).

Diante de novas conjunturas, toda essa lógica é estabelecida a partir de uma infraestrutura montada em volta dos centros urbanos e os espaços periurbanos vão se constituindo e ganhando dimensão territorial no espaço, atraindo principalmente a população de classe média e alta, que impulsionada pela propaganda de viver melhor, mais próxima da natureza, cede aos apelos do mercado imobiliário e das ideologias do meio ambiente e buscam neles fixar suas residências.

Um condicionante importante na instalação da infraestrutura dessas áreas é o melhoramento das vias de circulação, que tornam os espaços periurbanos mais atrativos para quem deseja morar ou se instalar nessas áreas nos fins de semana ou feriados, uma vez que diminui a distância relativa (tempo e condições de deslocamento) dessas áreas com os centros urbanos das cidades, como explica Silva (2011), citando Egler (2001),

[O processo de periurbanização foi] impulsionado pelo progresso nos transportes, que alimentava as novas formas de migrações pendulares, pela evolução das telecomunicações e, muitas vezes, pela intervenção direta das autoridades para facilitar o acesso à moradia individual (EGLER, 2001 *apud* SILVA, 2011, p. 26).

Na verdade, percebe-se que sem a atuação dos poderes públicos para viabilizar a circulação de pessoas e mercadorias, a formação desse espaço não teria se firmado com certa rapidez e não atrairia um contingente considerável à procura desse tipo de moradia que toma conta das grandes e médias cidades do Brasil.

Vale lembrar que o processo de periurbanização se estende para o mundo a partir dos países desenvolvidos da Europa. Sendo assim, nos países desenvolvidos, vemos,

então, que a urbanização compacta deu lugar a um fenômeno que gera confusões conceituais: contra-urbanização ou urbanização difusa (Estados Unidos e em parte da Europa); suburbanização (Inglaterra, Espanha e Itália), e rurbanização e periurbanização (França e Espanha). Para se ter uma idéia, há autores que consideram que todos esses termos possuem significados diferentes (VALE, 2005, p. 67).

Contudo, essa nova modalidade de moradia, identificada por nós como espaço periurbano, vai se intensificar no Brasil a partir dos anos 1960 e na Paraíba a partir da década de 1990, visto que, o processo de industrialização instalado impulsiona um ritmo acelerado da urbanização.

Desse modo, com o processo de expansão da área urbana das cidades, estas vão montando áreas especializadas em diferentes atividades em toda sua extensão territorial. Assim, áreas que se localizavam mais distantes do centro vão ganhando novas funcionalidades, que posteriormente vão atraindo o interesse econômico de outros setores que visam o abastecimento desses serviços.

Nesse caso, as bordas das cidades vão ganhando especificidades diferentes das que possuíam a um tempo anterior desse processo, e aí surge a dificuldade de definição e delimitação do que seja o urbano e o rural, de sorte que é necessário ampliar o entendimento do processo de periurbanização para a correta interpretação do espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca, na Paraíba.

É a partir dessas modificações que o estudo dos espaços periurbanos se torna necessário, porém, vale destacar, que não só existe essa denominação para esses espaços, merecendo uma explicação mais detalhada.

Miranda (1997) nos alerta para a variedade de denominações, embora todas elas possuam o mesmo significado, mudando apenas a terminologia adotada por cada país:

Na literatura especializada, os espaços de transição rural-urbano recebem diferentes denominações, entre elas: 'periferia rural-urbana', 'franja rural-urbana', 'franja periurbana', 'periferia urbana' ou, simplesmente 'periferia'. Estas denominações, inclusive, podem ser utilizadas como sinônimos, considerando critérios técnicos, político-administrativos, morfológicos etc. (MIRANDA, 1997, p. 29).

Nesse sentido, entre Campina Grande e Lagoa Seca uma quantidade considerável de pessoas que residiam na primeira cidade já se transferiu para residir em

condomínios horizontais fechados, loteamentos, bairros verdes, construíram chácaras que funcionam apenas em fins de semana e dias festivos, pousadas, além de uma série de serviços que estão instalados nessa extensão territorial, como lojas de artesanatos, de plantas ornamentais, postos de combustíveis, restaurantes, supermercados, dentre outros, mais precisamente ao longo da rodovia BR-104, que tem como público alvo essa nova camada social, instalada nesta área limítrofe das cidades supracitadas.

Dessa forma, as propagandas de loteamentos, condomínios, etc. são recheadas de neologismos e referências aos aspectos bucólicos, agrestes e ecológicos dos espaços em transformação. Esses lugares serão para o consumidor – que vive via de regra nos centros urbanos movimentados, barulhentos e violentos – um reencontro com a natureza, com o ar puro, com a tranquilidade do campo, porém por trás de todo apelo da propaganda está a lógica do capital, como demonstrado na figura 02:

Figura 02: Propaganda do condomínio Atmosfera Eco Residence entre Campina Grande e Lagoa Seca.



Outdoor de um condomínio fechado na área periurbana entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB. Em destaque, frase que exalta as características naturais do lugar (*A natureza aqui é um espetáculo. Reserve seu lugar no camarote*).

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Como se pode analisar na figura, a propaganda de venda do empreendimento imobiliário destaca fortemente as características de se viver bem estando perto da natureza. Segundo o *outdoor*, a exaltação às características naturais do lugar aparece quando se coloca o condomínio como o melhor lugar para se estar perto da natureza, sem perder o conforto e segurança, fazendo uma supervalorização do lugar na intenção de atrair mais adeptos desse novo estilo de viver.

Sendo assim, as áreas mais afastadas dos centros das cidades vão ganhando importância e atraindo cada vez mais um contingente populacional de hábitos urbanos, mas que busca a qualidade de vida no ambiente verde dos campos, tal como se verifica nos empreendimentos encontrados entre os municípios em tela, a exemplo do condomínio horizontal fechado Atmosphaera Eco Residence. Sobre a busca dos atributos positivos do meio rural Priscilla Bagli alerta:

Buscam-se atributos não encontrados nos espaços urbanos. Se os problemas ambientais e sociais de tais espaços (poluição atmosférica e dos cursos d'água, desconforto térmico em virtude da escassa vegetação, aumento da violência, barulho, mau cheiro) constituem-se como fundamento para a busca de uma outra realidade, então essa busca transforma-se em uma estratégia para a construção de outros territórios, conseqüentemente, para a formação de novas territorialidades (BAGLI, 2006, p. 154).

É pela busca por novos lugares, mais tranquilos e seguros, ou seja, um refúgio mais ou menos momentâneo, que os condomínios, chácaras, loteamentos, bairros verdes, dentre outros, tornam-se atrativos, embora não supram todas as necessidades das classes que o procuram, visto que tal população mantém uma relação muito próxima com a cidade de Campina Grande no que diz respeito aos serviços, trabalho, saúde, lazer, educação. Essa proximidade com a cidade pode ser comprovada na figura 03.

Figura 03: Condomínio horizontal fechado na faixa de transição Campina Grande-Lagoa Seca – PB.

Condomínio Nações Residence Privé, localizado na área periurbana entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB. Ao fundo observam-se alguns prédios de Campina Grande.

FONTE: ARAÚJO, 2010.

Porém, vale a pena destacar que esse espaço se caracteriza como uma área periurbana não só pela presença de condomínios horizontais fechados, chácaras para segunda moradia e loteamentos. Nele o solo ganha outros níveis de uso, quais sejam: área natural voltada para o lazer e descanso temporário de quem deseje desfrutá-la, como o caso da pousada Magia do Verde, localizada na zona rural de Lagoa Seca; área rural de caráter familiar em sua maioria, que desenvolve atividades ligadas à produção de horticultura; grandes propriedades voltadas à pecuária; além da área urbana, dentre outros.

Importante destacar também que os condomínios fechados se encontram geograficamente mais distantes do núcleo urbano da cidade de Lagoa Seca, e, no entanto, estão dentro do seu perímetro urbano, o que justifica o caráter econômico dessa inclusão, haja vista que os condomínios possuem grandes áreas construídas e contribuem mais com o pagamento do IPTU (Imposto sobre propriedade territorial urbana) em detrimento de residências mais populares, como por exemplo, as residências situadas na rua Ezequias Trajano, entre os condomínios Nações Residence Privé e o Atmospha Residence, que estando na mesma área não contribui com o referido imposto.

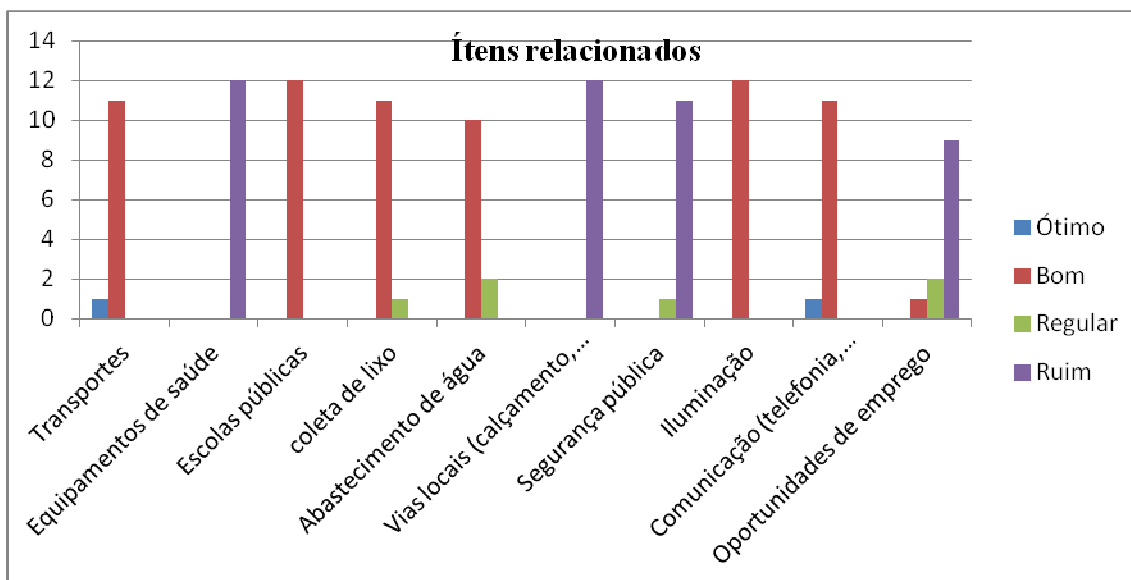
Nesse contexto, para a maioria dos moradores do residencial Nações Residence Privé (condomínio fechado, localizado na área em questão) o poder público atua com mais vigor no que diz respeito à cobrança do imposto, todavia deixando muito a desejar em outros serviços como coleta de lixo, segurança e transporte público, dentre outros, que acabam sendo privatizados.

Como os condomínios têm toda uma organização interna de segurança, coleta de lixo, de limpeza interna, entre outros, o governo municipal não se preocupa com o atendimento dos serviços que lhe cabem fora dos muros destes, uma vez que a própria área externa desse condomínio está projetada de uma forma que aparenta fazer parte exclusivamente dele, onde na verdade se configura como uma via pública, portanto, de acesso à toda população.

Sendo assim, a prefeitura se isenta ou não desenvolve com regularidade as atividades as quais são de competência dela e não apenas dos condomínios horizontais fechados.

Diante desse contexto, a falta de serviços públicos básicos, como coleta de lixo, iluminação pública, transporte, equipamentos de saúde, escolas, dentre outros, é um problema que merece atenção especial, tendo em vista que o espaço periurbano em questão dispõe de uma população cada vez mais crescente, que não se resume exclusivamente aos moradores dos condomínios de luxo. Verifica-se nesta mesma área, uma população mais carente, de origem rural, além de loteamentos mais populares, isto é, aqueles que contemplam pessoas de classes sociais diferentes, menos abastadas que nos exemplos dos ditos “privês”. São espaços que também tentam vender sua imagem e seus serviços vinculados com a natureza e com o viver bem, como o loteamento Juracy Palhano, que é vendido como “bairro verde”.

Nesse espaço verifica-se que os serviços públicos não são oferecidos de maneira igualitária para toda a população, como mostrado no gráfico 01 a partir de entrevistas realizadas com 12 moradores, referentes a qualidade de transportes, equipamentos de saúde, escolas, coleta de lixo, abastecimento de água, qualidade das vias públicas, segurança, iluminação, aparelhos de comunicação, além de oportunidades de emprego para a população local:

Gráfico 01: Serviços públicos prestados à população, na opinião dos entrevistados do bairro Juracy Palhano, Lagoa Seca-PB.

Fonte: Pesquisa de campo, 2011.

Nesse sentido, percebe-se que os serviços relacionados com saúde, infraestrutura, segurança pública e oportunidades de emprego, são os que mais necessitam de intervenções públicas para garantir uma qualidade de vida muito melhor para a população que reside nessa área.

Fazendo referência à agricultura que é praticada no espaço periurbano supracitado, percebe-se que ainda são preservadas as características daquela atividade tal como realizada ao longo do povoamento da localidade de Lagoa Seca, ou seja, de caráter familiar e voltado para as necessidades desse grupo produtor. Todavia, muitos agricultores fazem nos dias atuais uso de agrotóxicos em suas culturas, com o intuito de aumentar a produção e assim poder arrecadar mais capital para a reprodução da agricultura praticada, bem como para a manutenção da própria unidade familiar.

Nesse cenário, as plantações se territorializam pelo espaço e para quem passa pela BR-104 é perfeitamente possível vislumbrar as lavouras de hortaliças e frutíferas em volta das residências (Figura 04).

Figura 04: Plantação de hortaliças no sítio Oiti, Lagoa Seca-PB.

Propriedades que praticam agricultura de frutas e hortaliças, de caráter familiar. Vista a partir da BR-104.
FONTE: ARAÚJO, 2011.

Dessa maneira, essas propriedades familiares que desenvolvem a produção de hortaliças e frutas em Lagoa Seca estão localizadas bem próximas aos loteamentos, granjas, condomínios, pousadas, tornando essa área das plantações, que o poder público municipal denomina de rural, também com suas especificidades – mesmo que as mudanças de uso típicas da periurbanização sejam vizinhas.

Sendo assim, o espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca se constitui como um espaço dotado de muita dinamicidade sociocultural, e as mudanças e permanências que ocorrem nessa área fazem parte do movimento do espaço geográfico.

Considerações finais

Com o processo de globalização em expansão, o desejo de se firmar em áreas mais tranquilas, mais afastadas dos centros urbanos está proliferando nos países desenvolvidos e também nos países em desenvolvimento (VALE, 2005), uma vez que o espaço que margeia as cidades começa a adquirir novas funções e se envolve de aparatos técnicos para tornar o povoamento dessas áreas mais rápido e confortável para um público de hábitos citadinos.

Contudo, o mínimo de infraestrutura já instalada nesta área, como a melhora das vias de acesso e uma série de serviços, está direcionado, a princípio, a uma parcela significativa da população que tem condições financeiras para adquirir lotes em condomínios de luxo, terrenos para construção de chácaras, casas para segunda moradia, hospedagem em pousadas rurais, dentre outros. À população de renda mais baixa cabe se fixar nas áreas que ainda não interessam ao mercado imobiliário.

Sendo assim, as discussões a respeito do espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca tornaram-se coerentes graças ao processo de territorialização dessas cidades – principalmente da primeira, que se expandiu em direção as suas periferias, especializou essas áreas para um segmento social que absorveu com muita rapidez esse novo estilo de vida e com ele levou uma série de atividades que antes estavam localizadas em outros pontos da zona urbana.

Na faixa transitória entre Campina Grande e Lagoa Seca, o espaço que margeia a BR-104 é marcado por condomínios fechados, bairros verdes, uma série de serviços (restaurantes, bares, lojas), além das áreas interioranas à rodovia federal que se constituem com chácaras, pousadas, restaurantes e espaços destinados à agricultura familiar de hortaliças. Tudo isso ocasionou uma mudança econômica, política, cultural que dinamizou muito o espaço, uma vez que, as pessoas vivem circulando destas áreas para Campina Grande bem como para Lagoa Seca para trabalhar, estudar, passear, constituindo um espaço periurbano dotado de muita dinamicidade.

Nesse contexto, evidencia-se que o espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca vem se transformando ao longo das últimas décadas, incorporando atividades da cidade e ainda conservando as do campo, transformando o estilo de vida de uma população que vivia até meados da década de 1990 do século passado com os traços marcantes da vida rural, modificando o uso do solo em favor dos empreendimentos imobiliários que valorizam essa nova tendência nacional dos residenciais do tipo privê, deixando claro que hoje não se pode delimitar ou conceituar com exatidão o que seja o urbano nem o rural.

Dessa forma, as ações públicas nesse espaço devem considerar esse processo de mudança e transformação dessa área, observando que se trata de um espaço dinâmico, vivo, que contém muito mais do que o urbano e o rural, mas um novo conceito, uma continuidade espacial, em que as ações do processo de urbanização não podem ter uma

priorização em detrimento das ações realizadas no campo, haja vista, que este espaço periurbano contém as áreas urbanas e também as rurais.

Referências

ARAÚJO, José Silvan Borborema. **O espaço periurbano entre os municípios de Campina Grande e Lagoa Seca, Paraíba**: um estudo sobre a dinâmica socioeconômica e cultural que define as várias formas de uso do solo. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Geográficas. Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2012.

BAGLI, Priscilla. **Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema**: dos mitos pretéritos às recentes transformações. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologias. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2006.

IBGE. Censo Agropecuário. 2006. <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acessado em 20/07/2011.

LEFEBVRE, Henri. **El derecho a la ciudad**. 2. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1973.

MAIA, Doralice Sátyro. **O campo na cidade**: necessidade e desejo, um estudo sobre subespaços rurais em João Pessoa – PB. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geociências. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.

MIRANDA, Livia Izabel Bezerra de. **Urbanização e dispersão**: as “granjas” de primeira e segunda residência em Carpina – PE. Dissertação (Mestrado). Departamento de Pós-Graduação em Geografia, UFPE. Recife, 1997.

MOREIRA, Roberto José. Configurações de poderes urbano-rurais: fragmentos de discursos e práticas. In: MARAFON, Glaucio José.; RUA, João.; RIBEIRO, Miguel Angelo. (orgs.). **Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____. Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade. In: **Estudos sociedade e agricultura**, 20, abril: 2003.

PAULINO, Eliane Tomiasi. Políticas territoriais e questão agrária: da teoria à intervenção. In: SAQUET, Marcos Aurelio.; SANTOS, Roseli Alves dos. (Orgs). **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVA, Ailson Barbosa da. **Dinâmica de periurbanização na franja rural-urbana de Camaragibe**: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Geográficas (PPGEO). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão.; WHITACKER, Arthur Magon. (Orgs). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

VALE, Ana Rute do. **Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano de Araraquara (SP)**. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

VEIGA, José Eli da. **A relação rural/urbano no desenvolvimento regional**. Cadernos do CEAM (centro de Estudos avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília, UnB) Vol. 17, Fevereiro 2005, pp. 9-22.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

Recebido em 27/01/2014. Aceito para publicação em 14/07/2014.
--